

## **Almanaque On-line entrevista Cristina Drummond<sup>1</sup>**

**1) Almanaque On-line:** *Você tem-se dedicado bastante ao tema que perpassa as discussões no âmbito da Associação Mundial de Psicanálise e que vem representado no título do próximo congresso da AMP, a acontecer em 2012: **A ordem simbólica no século XXI**. Ela não é mais a mesma. Consequências para o tratamento. Quais os efeitos da precariedade do simbólico vistos na clínica e de que forma o discurso analítico pode operar?*

**Cristina Drummond:** Penso que essa precariedade se manifesta na vacilação dos semblantes, no declínio da autoridade paterna e na falta de sustentação dos ideais. Ela se reflete na maneira que os sujeitos têm encontrado para se inserir na vida. Vemos que isso se apresenta na precariedade dos sujeitos contemporâneos, em sua maneira frágil de se inserir no mundo, retratada nos desempregados, nas crianças que recusam a escola, nas crianças agitadas, nos sujeitos errantes, nos refugiados cujo número aumenta a cada dia, na violência de todas as espécies, nas novas constituições familiares, nas formas de intervenção sobre os corpos, nas maneiras de agrupamentos, no culto do imaginário. A intensa insatisfação, ou, ainda, a depressão, que cresce em nosso mundo, são índices da busca desenfreada pelo gozo, um efeito da presença maciça do discurso da ciência, que quer propor uma maneira de vida para todos.

Essas mudanças se refletem nos diferentes discursos, sobretudo nas novas ficções jurídicas que buscam legislar e encontrar solução para essas mudanças que não se inserem nos antigos códigos legais.

Quanto à clínica psicanalítica, as grandes categorias nosográficas ao estilo de Kraepelin, que herdamos da clínica psiquiátrica, estão postas em discussão, já que os sintomas neuróticos e os fenômenos psicóticos não se apresentam da mesma maneira que se apresentavam no século XIX e início do século XX.

Por outro lado, a orientação pelo discurso analítico não aponta para a construção de uma nova nosologia, não buscamos uma nova classificação que estivesse de acordo com os conceitos psicanalíticos. Isso não seria mais do que reduzir a psicanálise a uma psicopatologia.

Aquilo a que o discurso psicanalítico se propõe, e essa é a sua radical diferença em relação aos outros discursos, é preservar o lugar do sujeito e, no meio de todas essas mudanças, verificar a resposta sintomática particular de um por um daqueles que nos procuram.

**2) Almanaque On-line:** *O mundo contemporâneo se constitui pela fragilidade das ficções, pela falta de ideais e mesmo por uma dificuldade de localização dos sintomas. Muitos dos que chegam aos consultórios procurando tratamento não sabem localizar de que sofrem, assim como também encontramos cada vez mais os chamados "sem lugar": jovens que passam a noite correndo pela cidade, de bar em bar, sem ponto de parada; andarilhos ou errantes. Podemos dizer que o mundo se apresenta de uma forma fluida e incerta, gerada pelo que temos chamado das incertezas do simbólico. Como, então, você explicaria a proposta de Laurent de um "elogio ao déficit do simbólico"?*

**Cristina Drummond:** Eu compreendi que Laurent não faz exatamente um elogio ao déficit do simbólico, mas sim à debilidade mental, que é uma das consequências desse déficit e que ele toma, juntamente com Miller, como um traço do homem contemporâneo. As constantes mudanças tecnológicas, o bombardeamento de informações que sofremos sem tempo de digerir são aspectos que nos mostram que o próprio discurso do Outro aparece atualmente de maneira flutuante, pulverizada e fragmentada. Isso faz com que tenhamos uma enorme dificuldade para viver e ler todos esses acontecimentos. Laurent vê a debilidade mental como favorável à psicanálise porque ela nos empurra para encontrar um tratamento do real, já que nossa mente não nos coloca em relação com ele. Se o simbólico não recobre todo o gozo, se sempre há um resto ao qual não podemos dar sentido, temos a chance de demonstrar o valor da psicanálise como um instrumento de leitura e de tratamento do mal-estar de nosso mundo. Isso porque o simbólico sempre está em déficit, pois há algo que sempre escapa no universo dos nomes e que é o gozo.

Diante dessa errância do sujeito, nossa resposta clínica é a de buscar não apenas a abertura para uma escuta diferente do sofrimento humano, mas, sobretudo, a localização e a construção do sintoma em sua relação com o Inconsciente. O trabalho analítico não se faz sem a linguagem, e, nele, a série dos significantes permite a localização nessas marcas dos efeitos dos encontros contingentes que o sujeito teve com o gozo.

Que o simbólico esteja em déficit é uma ocasião para que a intervenção do analista, que não se dá apenas sob a forma de um operador simbólico, tenha consequências. Esse encontro pode criar possibilidades para que um tratamento ético da demanda abra um novo espaço subjetivo.

**3) Almanaque On-line:** *Uma das consequências do desfuncionamento do simbólico é o aumento da violência. Seria essa a mesma violência apresentada por Freud no texto "Psicologia das massas e análise do Eu", como sendo o narcisismo das pequenas diferenças?*

**Cristina Drummond:** Quando Freud fala do narcisismo das pequenas diferenças, ele está tratando da questão da segregação. No fundo, ele se atém ao fato de que os grupos se segregam pela não aceitação das diferenças de gozo. Lacan também abordou o tema da violência em diferentes momentos de seu ensino, aprofundando uma reflexão sobre a segregação e trazendo à luz novos aspectos dessa questão. O que ele diz é que a segregação é inerente ao discurso, que é maneira de fazer laço social. E, se a segregação é própria ao laço social, ela é um dado da estrutura da relação do sujeito com o outro.

Não sei se há um aumento da violência, já que a agressividade faz parte constituinte da relação entre os seres falantes. Temos sem dúvida o crescimento da criminalidade, da insegurança e do mal-estar nas relações sociais.

A referência freudiana ao narcisismo das pequenas diferenças remete ao mal-estar na cultura. Nossa época, a época lacaniana da psicanálise, foi nomeada por Miller como "a época do Outro que não existe". Miller ainda explicitou que o Outro aparece como mau, gozador, em oposição ao Outro ideal, que organizava o mundo, no tempo de Freud. Temos, portanto, de situar os impasses da contemporaneidade, sobretudo as novas formas de gozo que, no lugar dos significantes mestres ideais, promovem os laços entre os sujeitos.

Podemos definir a violência como um sintoma social. Em sua essência, todos os sintomas o são, já que o laço com o outro, o laço social, é sempre sintomático. Para nós, analistas, a questão é como podemos responder a esse sintoma, como vamos tratar da violência de uma maneira distinta da dos demais discursos, que, muitas vezes, o alimentam de sentido.

Miller nos disse que o mundo arrasta a psicanálise em sua esteira e que devemos nos negar a consentir com isso, se queremos apostar que a psicanálise tem um fio de prumo que deve ser mantido em quanto tal. No que diz respeito ao sintoma, a posição do analista leva em conta um imperativo ético: a interpretação. Esse imperativo nos coloca numa direção contrária à da medicalização da violência, à de seu tratamento pelo universal do aprisionamento, ou, ainda, buscamos, em cada caso, ler a subjetividade que subjaz à situação. Isso é muito importante, sobretudo nas situações de violência familiar, violência de gênero, para nos afastarmos da leitura da vitimização, que mantém o sujeito no anonimato. Não

temos que nos colocar ao lado da vítima, julgar, proteger ou cuidar da segurança. Nosso compromisso é interpretar o real que está em questão em cada situação particular e que não é evidente nem universal.

**4) Almanaque On-line:** *Ao se dizer que atualmente passamos do binário clínico neurose-psicose para a psicose generalizada, perguntamo-nos se considerar as estruturas — neurose, psicose e perversão — traz ainda alguma função para os tratamentos.*

**Cristina Drummond:** É claro que partir do ponto de vista da psicose generalizada nos faz pensar o binário clínico neurose-psicose de uma outra maneira. Essa leitura não nos deve levar a dispensar, entretanto, a clínica estrutural; ela apenas nos faz avançar no sentido de nos permitir ler o que nossa experiência nos apresenta.

Freud nos ensinou que a clínica psicanalítica é feita nos detalhes, e ele foi acrescentando novos aspectos ou nuances à medida que se foi deparando com situações que interrogavam seus conceitos teóricos.

Ainda é necessário dar conta das formas atuais das neuroses clássicas e ainda pensamos a clínica da histeria e da obsessão organizada em torno do sintoma, em oposição à clínica dos transtornos e distúrbios do DSM.

No que diz respeito à clínica das psicoses, as psicoses ordinárias se constituíram como um programa de investigação em nossa orientação laciana que ainda está em curso. Psicose ordinária, diz Eric Laurent, é um termo forjado a partir do termo psicose, que data do século XIX, e do termo ordinária, que se refere à filosofia da língua ordinária, investigação levada em curso no século XX. Esse termo novo quer dar conta do que ocorre no século XXI, sem o apoio de um discurso estabelecido. Pensar a psicose como generalizada implica uma continuidade dos modos de gozo, o que é um pouco diferente da clínica em que buscávamos nos fenômenos elementares a certeza do diagnóstico. Não é que os fenômenos elementares deixaram de nos orientar, ainda nos fiamos neles. É que o tratamento do gozo se dá de maneira particular para cada sujeito, e a busca desse saber-fazer não se reduz a uma leitura do reino do Nome do Pai, da sua presença ou ausência, do delírio como suplência à sua falta, da ordenação do sujeito pela metáfora e pelas cadeias significantes. Nossa clínica condiz mais com a pluralização dos nomes do Pai e com a presença dos significantes que não fazem série nem localizam um sujeito como efeito da cadeia simbólica.

Ainda em nossa clínica contemporânea, cabe uma investigação das diferentes homossexualidades, já que a extensão do mundo gay tem um peso muito grande em nossa cultura. Conforme muitos gays em análise nos têm

ensinado, a homossexualidade se mostra como uma resposta não homogênea e que não pode ser identificada a uma estrutura clínica determinada. A resposta de Freud, em seus "Três ensaios", segundo a qual explicar a homossexualidade é tão complicado quanto explicar a heterossexualidade, devendo-se tomar as duas soluções como uma resposta edipiana, deverá certamente ser interrogada e ampliada por essa investigação.

**5) Almanaque On-line:** *O Ministério da Educação lançou, recentemente, uma campanha contra a discriminação sexual, com alguns vídeos voltados para adolescentes. Um desses vídeos apresenta a estória de um jovem indeciso sobre sua escolha sexual. Depois de se envolver com uma menina e, em seguida, com um menino, esse jovem acaba por concluir que o melhor é não ter que se decidir se gosta de meninos ou meninas. Escolhe os dois. Segundo afirma, "a probabilidade de ser feliz aumenta se não tiver que escolher". Essa opção "unissex" remete-nos ao "ex-sexo", apontado por Lacan, ao fora da partilha sexual, e tem-se apresentado frequentemente entre os jovens. De que forma podemos pensar aí a responsabilidade?*

**Cristina Drummond:** No **Seminário 20**, Mais, ainda, Lacan toma o caso da masculinidade e nos diz que, para todo ser falante, quaisquer que sejam seus atributos masculinos, está permitido se inscrever do lado feminino das fórmulas da sexualização. O fato de Lacan dizer que está permitido indica que isso não está determinado. E é por isso também que ele diz que somos sempre responsáveis por nossa posição de sujeito. O sujeito é responsável por suas escolhas, por seu gozo. Essa responsabilidade é também o que a interpretação das situações de violência vai buscar esclarecer. Assim, de nossa posição de sujeitos sexuados também somos responsáveis e temos que responder por nossa escolha, coisa que uma análise pode ajudar. Nesse sentido, a investigação sobre as homossexualidades contemporâneas tem muito a nos ensinar, já que a clínica dos adolescentes nos mostra que, muitas vezes, a resposta "sou homossexual" chega ao sujeito diante da impossibilidade simbólica de fundar, na significação fálica, uma partilha sexual. De qualquer forma, desresponsabilizar o sujeito não é algo que a psicanálise possa sustentar.

---

<sup>1</sup> Psicóloga, membro da EBP/AMP e Diretora da EBP para o biênio 2011-2013. Autora de vários textos, dentre eles "A clínica psicanalítica diante dos limites do simbólico" e "Ter um corpo hoje", ambos de 2011, inéditos.